

COMPETIÇÃO

Qualificar jovens para o seu futuro laboral

A Intrum Justitia Portugal apoia a participação de **15 equipas de estudantes** nesta edição da prova



A aposta da Intrum Justitia na atual edição do Global Management Challenge centra-se nas equipas de estudantes que foram divididas entre as duas edições da primeira volta. A empresa torna a apostar neste tipo de formações por acreditar que está a contribuir para a formação de jovens gestores e em última análise, um profissional com mais competências e conhecimentos, pode fazer a diferença numa organização.

Há 11 anos que esta multinacional sueca patrocina a competição em Portugal e apoia a inscrição de equipas de universitários. “O que nos motiva é poder proporcionar uma experiência formativa única e sabermos que estes jovens são os futuros decisores. A formação é um dos pilares do desenvolvimento das sociedades, empresas e pessoas”, explica Luís Salvaterra, diretor-geral da Intrum Justitia Portugal. Não exclui também que estes

jovens possam vir a ser integrados em projetos da estrutura que dirige.

Tomar decisões

Na opinião deste gestor o Global Management Challenge, ao simular a realidade das empresas, estimula o trabalho em equipa, a partilha de competências e mostra como se pode gerir as muitas variáveis que se colocam em cima da mesa na hora de tomar decisões numa organização. Existirem estudantes que querem participar neste desafio e que procuram quem os apoie é para Luís Salvaterra revelador da sua vontade de terem novas experiências e de se diferenciarem perante a concorrência no acesso a um posto de trabalho.

Daí que uma das qualidades que aponta a esta iniciativa é “mostrar a muitos jovens algumas das suas capacidades

Perante os problemas que enfrentam na prova, os participantes podem testar estratégias inovadoras na sua resolução

que até à sua participação na competição estavam totalmente sublimadas. É um excelente cartão de visita para quem está a entrar no mercado de trabalho”, salienta.

Para Gonçalo Veiga, líder da equipa All In/Intrum Justitia da qual fazem parte mais quatro alunos de economia e gestão “esta competição não é uma porta de entrada para o mercado de trabalho no sentido de nos arranjar emprego. Mostra algo mais importante que é a perseverança, ou seja, se não desistirmos e nos esforçarmos, eventualmente atingiremos os nossos objetivos”.

Na última edição da prova, em 2016, esta equipa chegou à final nacional. Contudo e na atual edição não conseguiu passar à segunda volta. Nas duas edições a ambição de Gonçalo Veiga foi sempre aprender o mais possível e investigou técnicas utilizadas em anos anteriores que resultaram, para ver se poderiam ser aplicadas à estratégia da sua empresa. Acredita que mesmo inexperiente nesta competição, qualquer pessoa que trabalhe e se empenhe pode chegar longe.

Isabel Doutor lidera a equipa Intrum Justitia Rims, da qual fazem ainda parte mais três

alunas de engenharia biológica, do Instituto Superior Técnico. Foi no seu local de estudo que contactaram pela primeira vez com este desafio, num evento interno da cadeira de gestão. Passaram para a prova a nível nacional, onde desenvolvem competências e aplicam conhecimentos já adquiridos.

A gestão está em tudo

“Aprendemos de que forma é que as nossas decisões podem afetar uma empresa e a melhor maneira de unirmos as nossas capacidades para que a decisão por nós tomada seja a melhor possível”, frisa Isabel Doutor. Uma aprendizagem que será benéfica para o seu futuro.

“Esta competição pode abrir portas no mercado de trabalho, não só se quisermos trabalhar na área da gestão, mas também para qualquer outro rumo. A gestão está bastante implicada no nosso quotidiano e não há nenhuma pessoa que não beneficie profissionalmente por melhorar a sua capacidade de gestão e planeamento estratégico”.

Para Mariana Gomes, estudante de Finanças e chefe da equipa Intrum Justitia Minds Heros, a grande aprendiza-

gem que juntamente com os seus colegas de equipa retira desta prova é a forma como as várias áreas de uma empresa se articulam e como isso influencia o seu sucesso. “Durante o nosso percurso académico fomos sempre habituados a ver cada área separada e não todas a trabalhar em conjunto e essa tem sido a nossa realidade aqui, onde por vezes temos de dividir recursos e perceber qual deve ser o foco da empresa no trimestre”, explica.

Defende que esta visão se aproxima mais da realidade e permite aos participantes aprender conceitos que irão usar quando começarem a trabalhar. A sua equipa, tal como a anterior, não se qualificou para a segunda volta.

Esta semana terminou a segunda edição da primeira volta do Global Management Challenge. Luís Salvaterra aconselha as equipas que vão continuar a competir, agora na segunda volta, “a aproveitarem esta experiência para aplicarem conhecimentos teóricos de forma criativa e testarem diferentes abordagens e estratégias”.

MARIBELA FREITAS
mfreitas.externo@impresa.pt

Classificação final 1ª Volta - 2ª Edição

1º LUGAR
Caravela/Gogogo
IEFP/Power
Garantia Jovem Róz
IEFP/Timetowin
Caravela/The Best
Garantia Jovem Ptdp
Caravela/Jinks
IEFP/Whph
IEFP/Magnatos
Garantia Jovem Mebyolos

VEJA AS CLASSIFICAÇÕES TOTAIS EM WWW.EXPRESSO.SAPO.PT/ECONOMIA/WORLDMC

FINAL DA ETAPA INICIAL
Com o término da segunda edição da primeira volta, chega ao fim a etapa de arranque do Global Management Challenge 2017. No quadro publicado em anexo são identificadas as dez equipas que por terem atingido a liderança do seu grupo na quinta e última decisão, qualificaram-se para a segunda volta da competição, agendada para finais de setembro e que vai ser disputada por 40 equipas.



Elementos da equipa All In/Intrum Justitia na final nacional da edição de 2016 do Global Management Challenge
FOTO JOSÉ CARIA

Uma iniciativa indispensável na vida de um gestor

A equipa de Paulo Gonçalves Marcos, formada por estudantes, venceu a 9ª edição desta prova, corria o ano de 1988

Com 50 anos e uma carreira profissional feita essencialmente na banca, Paulo Gonçalves Marcos é presidente da direção do Sindicato Nacional dos Quadros Técnicos Bancários. Formado em Economia e em Gestão de Empresas, é também

professor de marketing na Católica Lisbon School of Business and Economics. Estreou-se no Global Management Challenge há quase 30 anos e conta que para uma equipa de estudantes como a sua vencer esta iniciativa foi equiparar-se aos melhores gestores da altura.

A vontade de aprender e o desafio de aplicar conceitos teóricos numa simulação complexa e sofisticada, em ambiente de equipa, foram as

principais razões que levaram este alumngmc a participar neste desafio organizado pelo Expresso e a SDG há 38 anos. Sentia-se atraído pela gestão de empresas e organizações e na altura estava a completar o terceiro ano da licenciatura em economia da Universidade Católica, em Lisboa.

Ambição de vencer

“Recordo-me da ambição de querer vencer a prova, logo na estreia, bem como do plano que desenvolvi para recrutar cinco colegas meus de curso e da metodologia de trabalho e de especialização que seguimos”, revela. O seu objetivo foi concretizado e a sua equipa venceu a 9ª edição da prova, em 1988. Esse feito foi uma realização para a sua equipa de estudantes, uma vez que “vencer a

competição fora apanágio, até então, de gestores com provas dadas ou académicos brilhantes, nunca de estudantes tão novos”.

Para Paulo Gonçalves Marcos este foi um dos processos de aprendizagem mais marcantes da sua vida de adulto. “Posso dizer que foi com o Global Management Challenge que me tornei gestor e isso diz bem do amplo leque de competências que tive de exercitar e desenvolver, muitas delas pela primeira vez. Quase me atrevo a dizer que sem ter passado pela intensidade, stresse, planeamento, gestão de trabalho em equipa e muitos mais elementos que são apanágio desta prova, não existe um gestor de empresas e organizações completo”, frisa.

Desde a altura em que participou o simulador passou por

muitas transformações para acompanhar a realidade empresarial e essas mesmas alterações não lhe têm passado ao lado já que tem vindo a acompanhar o desenvolvimento desta iniciativa. Na sua opinião é “um caso de sucesso, interno e externo, verdadeiro embaixador do talento e da capacidade de empreender dos gestores e empresários portugueses”. Considera ainda que é uma ferramenta indispensável na formação e amadurecimento dos gestores ou candidatos a tal, em todos os cantos do mundo.

Gerir na incerteza

E aqui, tanto estudantes como quadros têm muito que aprender, nomeadamente a aplicar conceitos teóricos em ambientes de grande realismo, de elevada incerteza, com in-

formação imperfeita e grande resposta concorrencial. “Ter que diagnosticar um problema e encontrar soluções, em contexto de elevado stresse, em equipas onde egos e preferências pessoais se manifestam é uma formação complementar indispensável para qualquer candidato sério a ser um gestor de referência”, salienta.

As equipas que estão a participar nesta iniciativa e face à sua experiência deixa alguns conselhos para terem sucesso. “Como diria Ernâni Lopes, o sucesso tem apenas sete etapas: estudar, estudar, estudar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar. Ou num registo alternativo: ambição de vencer, constituir uma equipa de talentos e capacidades que se complementem, estudar, modelar e testar exaustivamente”, finaliza. M.F.